

JUBILEU DE 50 ANOS DE SCHOENSTATT EM PORTUGAL



1 Pai, 1 Família, 1 Missão

Fichas de trabalho

Ficha I: Celebrar um jubileu

Objectivos

- A. O que é um jubileu? Conhecer o significado e a importância do jubileu no contexto da grande história de amor de Deus com os homens em geral e especificamente com Schoenstatt.
- B. Como celebrar um jubileu? Descobrir caminhos para nos inserirmos na corrente de graças de um jubileu.

I. Para aprofundar

1. *“Habitualmente, na vida de cada pessoa, os Jubileus estão ligados à data de nascimento, mas celebram-se também os aniversários do baptismo, do crisma, da primeira comunhão, da ordenação sacerdotal ou episcopal, do sacramento do matrimónio. Alguns destes aniversários têm correspondência no âmbito laico, mas os cristãos atribuem-lhes sempre um carácter religioso. De facto, na visão cristã, cada Jubileu - o do 25.º aniversário do sacerdócio, chamado «de prata», o do 50.º, «de ouro» ou do 60.º, dito «de diamante»- constitui um ano especial de graça para a pessoa concreta que recebeu um dos referidos sacramentos. Tudo o que dissemos dos Jubileus individuais pode também aplicar-se às comunidades ou às instituições. Deste modo, celebra-se, portanto, o centenário ou o milésimo de fundação de uma cidade ou de um município. No âmbito eclesial, festejam-se os Jubileus das paróquias e das dioceses. Todos estes Jubileus pessoais ou comunitários desempenham um papel importante e significativo na vida das pessoas e das comunidades.”* João Paulo II

2. O desejo de todos é que o Jubileu seja ocasião propícia de uma colaboração frutuosa na partilha de tantas coisas que nos unem e que, seguramente, são mais do que as que nos dividem.” Portanto, conforme Jean Guittou, **“o Jubileu é um regresso à origem, à fonte, às nascentes.”** E segundo Giacomo Devoto-Gian Carlo Oli, **Jubileu significa: «indulgência plenária concedida solenemente pelo Papa, de vinte e cinco em vinte e cinco anos ou em circunstâncias especiais. Na lei mosaica, a celebração de cada quinquagésimo ano** (ano Jobel, mais exactamente “ano do chifre do carneiro), porque a festividade era anunciada ao som do chifre), **em que era proibido trabalhar a terra, o património vendido voltava ao primitivo proprietário e os escravos readquiriam a liberdade.**

3. Sob este prisma vê-se o « ano de graça» do Senhor, profetizado por Isaías e realizado em Jesus: *«O Espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele enviou-me para dar a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros, para promulgar o ano da graça do Senhor».* (Is.61, 1-2; Cf. Lc.4,18-19)

No texto acima, percebe-se três elementos que são sincrónicos e inseparáveis, pois, quando o profeta é **escolhido**, também é **enviado** para **anunciar** a boa nova aos pobres. Certamente, concordamos com João Paulo II, quando diz que **o objectivo prioritário do jubileu...“é o fortalecimento da fé e do testemunho dos cristãos. Portanto, é preciso despertar em cada fiel um verdadeiro anseio pela santidade, um desejo forte de conversão e de renovação pessoal num clima de oração cada vez mais intensa e de acolhimento solidário do próximo, especialmente do mais necessitado.”** Então, o Jubileu torna-se um tempo de graça especial, um tempo abençoado que tem um carácter festivo.

Conforme Pe. Georgino Rocha: os grandes jubileus querem significar uma “grande experiência interior a ser vivida” e as iniciativas exteriores não de ser “expressão de um compromisso mais profundo que toca o coração das pessoas.” (João Paulo II)

II. Para interiorizar

Actualmente a Família de Schoenstatt está a viver um jubileu muito importante. Segundo o Pe. José Kentenich um ano jubilar é:

*** Um “ano de graças”**

A partir dos Santuários de Schoenstatt pode-se dizer que a este ano jubilar correspondem as graças especiais do acolhimento, da transformação e do apostolado no sentido do acontecimento que se celebra. Durante todo o ano jubilar rezamos e nos esforçamos por abrir o nosso coração para receber as graças do jubileu.

*** Um “ano de renovação”**

Procuramos nos renovar interiormente, intensificando a nossa aspiração no sentido do jubileu, fazendo romarias frequentes ao Santuário.

*** Um “ano de gratidão”**

Na nossa Família de Schoenstatt um jubileu não se resume apenas numa celebração de gratidão no dia do jubileu. Nós procuramos agradecer de uma forma concreta os prodígios realizados nos anos que passaram e oferecemos um presente jubilar.

*** Um “ano de envio”**

Nós que celebramos o jubileu somos a geração responsável de levar o espírito de origem com fidelidade para os novos 25, 50 ou 100 anos. Deixarmo-nos enviar pelo Pai e Fundador significa fazer ou renovar o nosso compromisso com ele para os próximos 50 anos.

III. Para reflectir e comentar

- * O que é um jubileu?**
- * Schoenstatt sempre celebrou jubileus. O que nos diz o P. Kentenich?**
- * O que significa este jubileu específico?**
- * Como se vive um jubileu?**
- * Como podemos viver este ano?**

IV. “Dicas”

Peregrinar ao santuário; oferecer capital de graças (expressado nos pedacinhos de vela); rezar pelas intenções do jubileu; ler algo sobre o P. Kentenich; visitar outros santuários de Schoenstatt em Portugal; Como grupo ou individualmente, procurar uma iniciativa original.

Realizar uma visita física ou espiritual ao Santuário, onde:

- * Agradeço a Mãe e Rainha pela abençoada história de Schoenstatt em terras portuguesas nestes 50 anos;
- * Peço pela unidade da Família de Schoenstatt;
- * Peço pelas necessidades da minha família e
- * Peço a graça de uma maior vinculação ao Pai e Fundador.

Visita ao site www.schoenstatt.pt para estar informado da vida da Família de Schoenstatt.

V. Oração

Mãe e Rainha, em tempo jubilar faz-nos viver: 1 Família, 1 Pai, 1 missão.

Pai, o nosso coração no teu coração,

O nosso pensar no teu pensamento,

A nossa mão na tua mão.

A tua missão é a nossa missão.

VI. Leitura complementar

(Do livro: Pensamentos sobre o Ano Santo – Autor: Massimo Baldini)

ORIGEM E HISTÓRIA DOS JUBILEUS

Sobre a origem e a história dos jubileus há muitos trabalhos, mais ou menos amplos, mais ou menos úteis, mais ou menos episódicos ou eruditos. Paulo VI sintetizou esplendidamente o seu nascimento e a sua institucionalização do modo seguinte: «A partir do séc. II, vinha-se a Roma ver e venerar os «troféus» dos dois Apóstolos Pedro e Paulo nos lugares em que se conservavam e peregrinava-se até a Igreja Romana para contemplar a sua «majestade real». No séc. IV, a peregrinação a Roma torna-se a principal forma de peregrinação no Ocidente, paralela e convergente, na sua ideia religiosa, com a que, então, se fazia a Jerusalém, no Oriente, onde se guardava o sepulcro do Senhor. Na Idade Média, Roma é a meta dos peregrinos piedosos que vêm das diversas partes da Europa, por se sentirem «coligados à cátedra de Pedro», e também de peregrinos que chegam do Oriente, especialmente monges, para testemunharem junto do túmulo do Apóstolo a sua profissão de fé ortodoxa.

Esta ideia de peregrinação desenvolveu-se nos sécs. XII e XIII, enriquecida com novos motivos de religiosidade e de piedade popular que se difundem em toda a Europa, imprimindo um conteúdo mais profundo à antiga ideia que a Igreja recebera da tradição, igualmente comum às outras religiões, da «peregrinação por amor de Deus». Deste modo, nasce o jubileu, fruto de uma maturação doutrinal, bíblica e teológica, que tem a sua primeira manifestação pública no jubileu proclamado, em 1220, pelo Papa Honório III para a peregrinação ao túmulo de São Tomás Becket que, depois – como se sabe – converge para Roma, para as basílicas de São Pedro e de São Paulo, no grande movimento popular e penitencial do ano de 1300, numa ânsia de perdão de Deus e de paz para os homens, sancionado por Bonifácio VIII e motivado por um objectivo mais alto: «Para honra de Deus e para a exaltação da fé».

O jubileu romano de 1300 representou o início e o modelo dos jubileus que, mais tarde, se seguiram (de vinte e cinco em vinte e cinco anos, desde o séc. XV, exceptuando algumas interrupções provocadas por vicissitudes externas), revelando uma continuidade e vitalidade que sempre confirmaram a actualidade desta veneranda instituição.

Deve também dizer-se que os jubileus da idade contemporânea têm mantido um valor tão alto, que representam verdadeiros momentos de unidade e de renovação para a Igreja e apelos a todos os homens para que se reconheçam irmãos e percorram os caminhos da paz.

Conforme Jean Guitton o jubileu consiste em «duas viagens, dois itinerários. Um, o invisível, que vai do nosso coração superficial ao nosso coração profundo e a que chamei conversão. A outra viagem é visível. É a peregrinação que leva as multidões católicas para um centro único, em direcção a Roma».

Qual das viagens queremos empreender? De preferência, as duas.